

ORAÇÕES CONDICIONAIS INTRODUZIDAS POR “SE” E “SE É QUE” EM TEXTOS JORNALÍSTICOS: VARIAÇÕES SINTÁTICAS E TEXTUAL-DISCURSIVAS

CONDITIONAL CLAUSES INITIATED BY “SE” AND BY “SE É QUE” IN JOURNALISTIC TEXTS: SYNTATIC AND TEXTUAL-DISCURSIVE VARIATIONS

Aymmée Silveira Santos (UEPB)¹
Camilo Rosa Silva (UEPB)²

Resumo: O presente artigo, fundamentado na vertente Funcional Norte-Americana (GIVÓN, 1990; 1995; BYBEE, 2016), tem como objetivo identificar e descrever os diferentes usos e sentidos que emolduram as orações adverbiais condicionais encabeçadas pelos conectores *se* e *se é que*. Para isso, foram elencados três critérios de investigação: i) a posição ocupada pelo conector e, conseqüentemente, pelas orações adverbiais condicionais; ii) a correlação modo-temporal da oração hipotática, sinalizando diferentes graus de hipoteticidade, e iii) os gêneros textuais-discursivos em que as orações condicionais são utilizadas, tomando como base os princípios da iconicidade e da marcação. Os dados de análise provieram de textos jornalísticos coletados no banco de dados *Corpus do Português*, contemplando os gêneros reportagem, entrevista, comentário de leitor e artigo. O estudo demonstrou que os propósitos comunicativos imbuídos nos diversos contextos de uso da língua reverberam variações de usos e sentidos das orações condicionais, influenciando diretamente na posição sintática em que aparecem. Ainda, determinados tempos verbais, como os que foram observados nos dados, atuam como recursos requisitados pelos contextos/gêneros jornalísticos nos quais se codificam orações condicionais encabeçadas pelos conectores, indicando maior ou menor grau de complexidade estrutural e cognitiva.

Palavras-chave: Funcionalismo Norte-Americano. Orações condicionais. Usos e sentidos.

Abstract: This paper aims to identify and describe different uses and meanings that frame conditional adverbial clauses headed by the “se” connector and the “se é que” connector, based on the North American Functional approach. For that, we listed three investigation criteria: i) the position occupied by the connector and, consequently, the conditional adverbial clauses; ii) the temporal correlation of the hypotactic clause, signaling different degrees of hypotheticity, and iii) the textual-discursive genres in which the conditional clauses were used, according to the iconicity and marking principles. The analysis data is included in the *Português Corpus* database which has journalistic texts such as interviews, readers comment and articles. The study demonstrated that the communicative purposes claimed in the different contexts of the language use show meaning variations by using the conditional clauses, it influences directly in the syntactic position they appear. In addition, the verb tenses observed in the data acts as a resource related to journalistic contexts genres, in which are used the conditional clauses headed by connectors, indicating greater or lesser degree of structural and cognitive complexity.

Keywords: Functionalism. Conditional clauses. Uses and meanings.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UEPB). Professora Adjunta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: aym.santos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4654-4033>.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UEPB), com Pós-doutorado em Letras na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling). E-mail: camilorosa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6230-8807>.

Introdução

As orações condicionais, nos diversos contextos em que aparecem, podem apresentar variações sintáticas e textuais-discursivas, ainda que encabeçadas por conectores já reconhecidos pelos normativistas, a exemplo do *se*, nomeado condicional por excelência, ou por conectores não reconhecidos nos compêndios gramaticais normativos (MELO, 1978; ROCHA LIMA, 2009; CUNHA, 2007), como é o caso do *se é que*.

Com base em postulados da vertente Funcional Norte-Americana (GIVÓN, 1990; 1995; BYBEE, 2016), compreendemos que a condicionalidade é estabelecida nas diferentes situações de uso da língua, influenciada pelo discurso. Partindo desse pressuposto, o presente estudo tem como objetivo identificar e descrever a diversidade de usos e sentidos que emolduram orações adverbiais condicionais encabeçadas pelo conector *se*, o mais prototípico³ da categoria de condicionalidade, e as introduzidas pelo conector *se é que*, potencialmente acionador de funções inovadoras. Acreditamos que este conector, reconhecido como condicional por estudiosos funcionalistas (CASTILHO, 2010; NEVES, 2018), parece exercer diferentes funções, que, inclusive, se dissociam de características apontadas pelos estudiosos referentes ao uso do conector condicional *se*, a exemplo da preponderância da oração adverbial condicional na ordem anteposta à oração nuclear.

Nossa proposta de investigação contempla abordagens quantitativa e descritiva, e não considera os dois conectores como atuando em relação de sinonímia, embora o ponto de partida seja o pertencimento de ambos ao domínio da condicionalidade. Isso significa não cogitarmos que as opções do usuário da língua, quando diante de uma necessidade comunicativa que se efetive pelo viés da condicionalidade, envolvam a escolha entre o *se* ou o *se é que*, ou seja, uso de um pelo outro. De fato, são diversos os contextos e os propósitos comunicativos que os arrematam. Desse modo, nosso compromisso é com uma descrição que aponte características, motivações e pressões contextuais que influenciam cada um desses usos. De tal modo, os aportes quantitativos expostos não ensejam comparações a partir das estratificações identificadas.

Nesse sentido, elencamos como critérios inerentes aos usos das condicionais delimitadas, demonstrando intencionalidades e propósitos comunicativos associados às informações veiculadas: i) a posição ocupada pelo conector e, conseqüentemente, pelas orações adverbiais condicionais; ii) a correlação modo-temporal da oração hipotática, sinalizando diferentes graus de hipoteticidade, e iii) os gêneros textuais-discursivos em que as orações condicionais são utilizadas. Esses fatores pressionam a estrutura linguística, influenciando as predileções dos usuários e, portanto, estão diretamente associados à iconicidade e ao princípio meta-icônico da marcação, conforme veremos adiante.

Os dados analisados, em modalidade escrita, foram coletados no banco de dados *Corpus do Português*, que reúne textos jornalísticos de páginas virtuais de expressiva circulação nacional, abrangendo os gêneros reportagem, entrevista, comentário do leitor e artigo. Para a realização da coleta dos dados, procedemos à quantificação dos jornais selecionados, constituindo um total de 60 (sessenta) jornais. A coleta foi realizada a partir do uso do localizador de texto presente no *corpus* e da leitura sistemática dos jornais. Acreditamos que esse volume de textos seja representativo do português escrito nos jornais, alcançando suportes jornalísticos de regiões diversas do nosso país e quantitativamente consistente para atingirmos o objetivo da pesquisa. Também, levamos em consideração o volume de textos que esse contingente compõe, fato que supomos, *a priori*, atestar a produtividade do fenômeno investigado.

³ Adotou-se, no desenvolvimento do trabalho, a visão de *configuração prototípica* difundida por Givón ([1984] 2012, p. 42), em que “dentro de cada categoria, há o membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo essa semelhança que os demais membros devem ser classificados”.

O artigo está organizado em quatro seções, somadas a esta introdução e seguidas pelas considerações finais. Na primeira seção, apresentamos algumas discussões sobre os princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação, balizadores do presente estudo. Na sequência, dedicamos uma seção para cada critério de investigação das variações nos usos das orações iniciadas pelos conectores condicionais *se* e *se é que*, respectivamente: a posição ocupada pelas orações adverbiais introduzidas pelos conectores *se* e *se é que*; a correlação modo-temporal da oração hipotática e os diferentes graus de hipoteticidade e os usos dos conectores *se* e *se é que* nas orações condicionais conforme os gêneros textuais-discursivos.

1 Os princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação

A vertente que se convencionou chamar de Funcionalismo Norte-Americano advoga que a gramática constitui uma organização cognitiva de experiências com a língua, sendo, portanto, diretamente influenciada pelo discurso. Nesse sentido, atuam no indivíduo, no momento concreto da comunicação, forças cognitivas e comunicativas que refletem a capacidade de armazenamento e transmissão de informações na mente humana, em um processo universal, contínuo e gradual (MARTELOTTA; AREAS, 2003; BYBEE, 2016). Sob esse viés, os princípios da iconicidade e da marcação se mostram um aparato teórico apropriado para essas discussões, de modo a nortear a investigação das variações sintáticas e textuais-discursivas reveladas nos usos das orações condicionais iniciadas pelo *se* e pelo *se é que*, atrelando-se as motivações cognitivas a essas alternativas funcionais, conforme evidenciado nos dados de análise.

O princípio da iconicidade é conceituado como uma motivação para que fenômenos linguísticos ocorram de uma forma e não de outra, apresentada, segundo Martellota (2011, p. 51), como uma “inclinação oposta a uma outra tendência existente nas línguas: a arbitrariedade”. Desse modo, contrapondo estudos formalistas⁴ da linguagem, a sintaxe envolve uma relação forma e função, numa correspondência natural entre o código linguístico e o conteúdo evocado.

Por entenderem que a extensão ou complexidade de uma estrutura linguística reflete a extensão ou complexidade de natureza conceptual, os linguistas funcionalistas definem a iconicidade como “a propriedade de similaridade entre um item e outro”, afirmando que ela constitui o princípio que garante a não-arbitrariedade (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 26).

Givón (1990) considera, no princípio da iconicidade, a existência de motivação para a relação forma-função a partir da afirmação de que a língua, de alguma maneira, reflete o pensamento humano, que, por sua vez, reflete a realidade externa ao ser humano. Logo, a relação entre forma e função de elementos linguísticos não é arbitrária, já que é reflexo do pensamento. O linguista discorre sobre três subprincípios que proporcionam a efetivação do princípio da iconicidade: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

O subprincípio da quantidade estabelece que o volume de formas codificadoras da informação será diretamente proporcional à quantidade de informação, ao seu caráter de novidade e imprevisibilidade, como também à relevância da informação, o que confere ao fenômeno icônico um alto grau de cognitividade. Assim, uma maior quantidade de matéria fônica deve corresponder à maior quantidade de informação.

Já o subprincípio da proximidade está relacionado à proporcionalidade da distância linear entre as expressões e os significados que elas representam. Desse modo, quanto mais próximos semanticamente, mais integrados estarão sintaticamente. Neves (2018) ilustra o funcionamento deste subprincípio ao mencionar que o verbo causativo *matar* expressa relação causativa de modo mais direto quando comparado à perífrase verbal de causatividade *fazer morrer*.

⁴ Para os que defendem a arbitrariedade, o sistema linguístico é visto como autônomo e o valor dos signos independe do mundo exterior, estabelecendo-se exclusivamente no interior do sistema.

Quanto ao subprincípio da ordenação linear, é ressaltado que existe uma correlação entre a sequenciação temporal e a ordem de ocorrência dos eventos descritos, de modo a atender às suas necessidades interacionais, conferindo o grau de importância atribuído aos conteúdos de um texto pelo falante. Dessa maneira, por exemplo, quando se quer dar destaque a uma informação, considerada mais importante, ela tende a ser topicalizada e expressa em primeiro plano, geralmente, num ponto mais à esquerda na sentença.

Em suma, através da iconicidade podem ser explicados aspectos relacionados à extensão da sentença, assim como à ordenação e à proximidade dos elementos linguísticos que a compõem, dependendo de fatores como complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos. Sendo assim, os subprincípios da iconicidade são interdependentes, ou seja, pode haver influência mútua e co-ocorrência de atuação entre eles.

Definido como princípio meta-icônico, estando, portanto, intrinsecamente relacionado à noção de iconicidade, o princípio da marcação se aplica tanto às categorias linguísticas, quanto aos contextos comunicativos de ocorrências das construções linguísticas, de forma que o que pode ser marcado em um contexto, pode não ser em outro, como também, contextos mais marcados podem atrair expressões linguísticas mais marcadas e vice-versa. Pelo exposto, compreende-se que a marcação é um princípio instável à medida que relativiza demandas mais e menos marcadas na relação contextos – itens linguísticos.

A fim de diferenciar as categorias marcadas das categorias não-marcadas, Givón (1995) elenca três critérios: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva. No que concerne à complexidade estrutural, a categoria é classificada como mais marcada ao apresentar uma estrutura mais complexa, geralmente extensa; por sua vez, a categoria não-marcada é assim classificada ao possuir uma estrutura menor ou menos complexa.

Em relação à distribuição de frequência, considera-se mais marcada a estrutura utilizada com menor frequência, ao passo que a estrutura utilizada com maior frequência será classificada como não-marcada. Do ponto de vista da complexidade cognitiva, as categorias consideradas cognitivamente mais complexas, por exigirem mais esforço mental e mais tempo de processamento são enquadradas como marcadas, quando comparadas a estruturas que exigem menor esforço cognitivo, definidas como não-marcadas. É importante ter em mente que esses conceitos devem ser relativizados já que a noção de maior ou menor grau de marcação é sempre contextual.

Furtado da Cunha (2013) atesta que o uso de estruturas mais marcadas está associado à intencionalidade do usuário da língua quanto à expressividade da força argumentativa. Para a autora, quando os usuários intencionam ser mais expressivos, tendem a utilizar formas mais marcadas. Em contraposição, a categoria não-marcada contempla os seguintes fatores: forma simples ou estruturalmente menor, maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular, contexto de ocorrência mais amplo e aquisição mais precoce pelas crianças.

Nessa linha de pensamento, Givón (1995) defende que a marcação também está vinculada ao grau de formalidade do uso discursivo. Segundo o linguista, um discurso formal, de maior complexidade cognitiva, é considerado mais marcado em relação ao discurso mais informal/espontâneo, mais fácil de processar e menos elaborado. Torna-se evidente, ainda, que fatores como o contexto de ocorrência, envolvendo o grau de formalidade do uso linguístico-discursivo, além de critérios como a frequência de uso e a complexidade estrutural e cognitiva estão interligados ao princípio da iconicidade.

Tendo como respaldo as discussões teóricas aqui levantadas, nas seções, a seguir, procedemos à identificação e à descrição dos usos e sentidos estabelecidos nas orações condicionais encabeçadas pelos itens *se* e *se é que*.

2 A posição ocupada pelas orações adverbiais introduzidas pelos conectores *se* e *se é que*

Conforme já mencionado, o conector *se*, classificado pelos gramáticos normativistas como conjunção condicional, apresenta-se, em trabalhos funcionalistas, como o mais prototípico de sua categoria. É necessário, no entanto, esclarecer que seu uso não ocorre de maneira aleatória, mas em conformidade com os propósitos comunicativos e os contextos sociais diversos, podendo apresentar variações sintáticas, semânticas e discursivas.

Por sua vez, o *se é que* foi estudado, preliminarmente, por Leão (1961, p. 101), que afirma tratar-se de um item linguístico conferidor de realce ao ser utilizado como locução conjuncional condicional, como no exemplo por ela mencionado: “*se é que* ele pensa, verá o erro”. É oportuno ressaltar que as gramáticas normativas não fazem menção a ele quando descrevem as orações condicionais, conforme comprovado em uma amostra de compêndios gramaticais elaborados por gramáticos representativos da perspectiva tradicional (MELO, 1978; ROCHA LIMA, 2009; CUNHA, 2007). Ademais, essa função que imprime realce (LEÃO, 1961) nos leva a considerar que este conector também apresenta variações de usos, especialmente, quando inserido em contextos que redundam no exercício de funções inovadoras.

Para atestar os usos e sentidos que emolduram as orações adverbiais condicionais encabeçadas pelos itens já mencionados, observamos como primeiro critério de análise a *posição ocupada pelos conectores nas orações adverbiais*. Segundo Neves (2018), a oração condicional anteposta à oração nuclear costuma ser mais frequente. Dessa forma, nos guiamos por essa constatação da autora para observarmos o conector condicional presente na oração anteposta, considerando que esta é mais prototípica do que as orações condicionais pospostas ou intercaladas à oração nuclear.

Na amostra de 60 textos analisados, identificamos 101 ocorrências do conector condicional *se* e 50 ocorrências do item *se é que*, atestando a recorrência produtiva de ambos os conectores pelos usuários que escrevem nos jornais pesquisados. Vejamos os resultados explicitados na Tabela 01, a seguir, no que se refere a esse primeiro critério:

Conectores condicionais	Parâmetro			Total
	Anteposta	Posposta	Intercalada	
Se	80	16	05	101
Se é que	02	31	17	50

Fonte: elaboração própria

Examinando a Tabela 01, visualizamos a prevalência da anteposição da oração adverbial construída a partir do *se*, representando 80 de um total de 101 ocorrências. Em contrapartida, houve a predominância da posposição da oração adverbial construída com o *se é que*, representando 31 de um total de 50 ocorrências. Este conector também introduziu quantidade significativa de orações adverbiais intercaladas (17 ocorrências) quando comparado com o *se* (05 ocorrências). Analisemos alguns excertos representativos dessas ocorrências:

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

(02) "Há muito medo de violência por parte do Bolsonaro. Você vê que o filho dele chegou a gravar uma notícia, um pensamento – **se é que** pode chamar assim o jeito o que eles falam. A coisa é tão impressionante – não sei se a pessoa pensou para falar – mas diz que prender, fechar o Supremo Tribunal Federal é coisa de... se eles desafiarem o Poder Executivo, mandariam um cabo e um soldado... um cabo e um soldado, nem de jipe precisariam... e uma pessoa que fala isso, não sei se pensa para falar. Mas se nem um ministro do Supremo hoje está a salvo, você imagina o policial federal que discorda", disse Haddad. (G1)

(03) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. "Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. Se elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, **se é que** estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção", afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

No excerto (01), observamos que a oração encabeçada pelo *se* condicional (*Se fosse qualquer outro atleta*) aparece anteposta à oração nuclear (*poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro*). Constatamos que a condição expressa na oração adverbial retoma algo anteriormente dito na sentença, referente ao atleta Ricardo Oliveira, remetendo a uma ação passível de ser exercida por qualquer outro atleta. Trata-se de uma informação decorrente de ideias que haviam sido expressas pelo treinador Santana em relação à determinação de treinamento do citado atleta.

No excerto (02), por sua vez, ocorre uma oração adverbial posposta encabeçada pelo *se é que*, cuja independência sintática é marcada pelo uso do travessão, por se tratar de um desdobramento do que foi dito anteriormente, no qual o jornalista objeta que se chame de "pensamento" os disparates expressos no referido contexto interacional. Cabe frisar, nesse sentido, um viés mais irônico expresso pelo usuário, evidenciado, inclusive, através do uso do travessão para indicar pausa.

Já o excerto (03) demonstra uma ocorrência do conector *se é que* em posição intercalada com o sujeito da oração nuclear *Sérgio Moro*. Não podemos ignorar o fato de que a oração adverbial condicional que aparece intercalada à oração nuclear está sinalizada por vírgulas indicadoras de pausa, o que pode ser justificado por sua maior complexidade sintática e semântica, ao se interpor à oração nuclear, permitindo, também, maior mobilidade da adverbial dentro da sentença. Notamos que a condicional intercala-se em posição imediatamente subsequente ao sujeito da nuclear, a fim de que a informação nela veiculada - uma eventual dúvida relacionada ao sujeito *fazer algo* - assumia relevo expressivo. Trata-se de informação nova, uma vez que introduz uma ressalva feita pelo policial Maxwell Cavalcanti a respeito da conduta do então juiz, manifestando uma dúvida: se ele de fato teria cometido algum ilícito.

É evidente que a forma assumida por essas sentenças guarda relação com o princípio da iconicidade, em especial, o subprincípio da ordenação linear, considerando que o usuário, ao buscar atender suas necessidades interacionais, ordena a ocorrência dos eventos descritos, atribuindo-lhe um determinado grau de importância. Nesse sentido, quando visa destacar uma informação da oração adverbial condicional, o usuário a expressará em primeiro plano, em posição anteposta à oração principal. Do mesmo modo, a oração adverbial condicional é posta em segundo plano, nos casos em que o usuário quer dar destaque à informação presente na oração principal. Além disso, a rigor, as orações intercaladas rompem com uma ordenação linear mais canônica, o que pode justificar a baixa frequência nos usos do conector *se*, apontado como o mais canônico dos elementos condicionais, e remete a uma maior complexidade sintática e semântica requerida nos usos do *se é que*.

Quanto ao princípio da marcação, podemos apontar sua interferência na configuração dos ambientes linguísticos e discursivos que envolvem os usos dos conectores em estudo, considerando que contextos mais marcados atraem formas mais marcadas (GIVÓN, 1995). Nesse sentido, as condicionais introduzidas pelo *se* e antepostas à matriz, ao levarmos em conta a cristalização desse item como conector condicional por excelência, são menos marcadas e não surpreende que comandem a preferência do usuário, quando contrapomos a frequência de intercaladas e de pospostas. Já o *se é que*, estrutural e cognitivamente mais complexo, é atraído pelos contextos das estruturas pospostas e das intercaladas, que configurariam ambientes mais complexos para expressão e interpretação de informações condicionais, já que parecem quebrar o fluxo natural da ordem canônica do português, especialmente, no caso das intercaladas.

Após a descrição do comportamento estrutural das orações condicionais introduzidas pelos conectores *se* e *se é que*, passaremos, na seção seguinte, ao exame da correlação modo-temporal que envolve os verbos presentes nas orações hipotáticas e nuclear, como também, os graus de hipoteticidade que as acomoda no domínio da condicionalidade.

3 A correlação modo-temporal da oração hipotática e os diferentes graus de hipoteticidade

Considerando que a ideia de condição ou hipótese se exprime não só pelo conector, mas ainda pelo tempo e modo dos verbos (LEÃO, 1961), assumimos como segundo critério de análise de usos e funções a correlação modo-temporal dos verbos que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores *se* e *se é que*, de modo a verificarmos o grau de hipoteticidade dessas orações. Nesse caso, a hipoteticidade pode aparecer expressa no teor lexical, pelo tempo e pelo modo dos verbos e de outras configurações sintático-semânticas. Por exemplo, Azeredo (2008) certifica que as expressões hipotéticas compreendem: (a) dados já conhecidos ou pressupostos (modo indicativo); (b) fatos prováveis (futuro do subjuntivo); (c) fatos remotamente prováveis (pretérito imperfeito do subjuntivo) e (d) situações irreversíveis (pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo). A Tabela 02, a seguir, ilustra a quantificação das relações modo-temporais das orações investigadas:

Tabela 02 – Relação modo-temporal das orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores *se* e *se é que*

Conector condicional	Quantidade de ocorrências	Verbo da oração nuclear	Verbo da oração condicional	Total
Se	101	Futuro do pretérito	Futuro do Subjuntivo	20
			Pretérito imperfeito do subjuntivo	22
		Futuro do presente	Futuro do Subjuntivo	34
			Pretérito perfeito	12
		Presente do indicativo	Presente do Subjuntivo	3
			Futuro do Subjuntivo	10
Se é que	50	Presente do indicativo	Presente do indicativo	26
			Futuro do Presente	5
			Pretérito Perfeito	5

Presente do Subjuntivo	Presente do indicativo	4
	Futuro do Presente	4
Pretérito Perfeito	Presente do indicativo	3
	Pretérito Perfeito	2
Pretérito imperfeito do Indicativo	Pretérito imperfeito do Indicativo	1

Fonte: elaboração própria

Como explicitado na Tabela 02, os dados comprovam que, quanto às orações introduzidas pelo conector *se*, houve uma variação na relação modo-temporal dos verbos presentes nas orações nucleares e condicionais, o que evidencia, conseqüentemente, diferentes graus de hipoteticidade. Percebemos a prevalência da eventualidade, para dizer respeito a uma hipótese possível de ser preenchida, o que correspondeu a 67 ocorrências de sua totalidade, distribuídas nas relações modo-tempo das orações nucleares/orações condicionais: 1) Futuro do presente/Futuro do subjuntivo (34 ocorrências); 2) Futuro do pretérito/futuro do subjuntivo (20 ocorrências); 3) Presente do indicativo/Futuro do subjuntivo (10 ocorrências) e 4) Presente do indicativo/Presente do Subjuntivo (03 ocorrências).

Em seguida, houve uma maior quantidade de ocorrências de condicionais contrafactuais, representando 22 ocorrências, evidenciadas na relação modo-temporal futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo, para se referir a uma irrealidade decorrente de uma condição não preenchida. Por fim, atestamos ocorrências de condicionais factuais, relacionadas a condições já preenchidas, representando 12 ocorrências de sua totalidade. As condicionais factuais foram evidenciadas nas correlações presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo. Vejamos alguns dados que ilustram esses níveis hipotéticos:

- (04) **Em 2014 vendi uma moto no valor de no valor de R\$ 4000,00 (a moto era financiada, com o valor da venda quitei a mesma), depois vendi um carro no valor de R\$ 12,000 e comprei um carro no valor de R\$ 27,000. Devo declarar? Pago taxas? Minha renda não atinge os 26.816,55. (Guaracy Cezatte).**

Resposta: A venda de bens até o valor de R\$ 35.000,00 está isenta de imposto sobre o ganho de capital. Assim, **se** os seus rendimentos tributáveis foram inferiores a R\$ 26.816,55 e **se** não se enquadrar em outra situação de obrigatoriedade, você está dispensado da apresentação da declaração. (G1)

No dado (04), atestamos dois níveis hipotéticos estabelecidos em uma mesma sentença. Em entrevista, o consultor Antônio Teixeira Bacalhau, ao responder pergunta enviada por um dos leitores do jornal, faz uso do conector *se* em dois momentos. Temos, portanto, duas orações adverbiais interpostas, ligadas à oração nuclear, dispostas de maneira coordenada, no entanto, com condições de preenchimento distintas.

Na primeira oração adverbial, assinalamos que se trata de uma condição já preenchida, uma vez que retoma a afirmação feita pelo leitor/entrevistador de que sua renda não atinge o valor de R\$ 26.816,55. Nesse caso, temos uma condicional factual, visto que o fato subsequente à condição se expressa em situação de potencial existencialidade: *você está dispensado da apresentação da declaração*. A factualidade inerente à ocorrência é comprovada também pela correlação condicional + nuclear, respectivamente, nos tempos pretérito perfeito e presente do indicativo.

Na segunda oração adverbial, identificamos uma hipótese tida como eventualmente possível de ser preenchida, revelada também nas correlações modo-temporal futuro do subjuntivo (oração condicional) + presente do indicativo (oração nuclear). A possibilidade de o leitor/entrevistador não se

enquadrar em situações de obrigatoriedade de declaração do imposto de renda, gera uma condicional eventual, cujo valor conclusivo também pode ser reforçado através da inserção do conector adverbial. Com efeito, em cada um dos casos, talvez devido ao fato de a condicionalidade estabelecer com a oração matriz relações semântico-discursivas semelhantes, sua disposição textual ratifica a proximidade entre as noções de eventualidade e factualidade como se estas pudessem ser dispostas num *cline* contínuo, que descarta possibilidade de discrição.

A eventualidade expressa nas orações encabeçadas pelo *se* pode ser igualmente notada no dado a seguir:

- (05) Excelente iniciativa!!! **Se** esses projetos forem pra frente, vai ajudar muito a população a diminuir os gastos com energia elétrica em suas casas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Em (05), observamos um caso em que o usuário, ao comentar sobre a reportagem apresentada no jornal *online*, que trata de projetos voltados para o uso de novas fontes de energia, desenvolvidos por estudantes universitários de Pernambuco, emite a opinião sobre o benefício que a população terá a partir da eventualidade de os projetos serem desenvolvidos e aplicados. A condição passível de ser preenchida é ressaltada através da correlação modo-temporal futuro do subjuntivo (oração condicional) e futuro do presente (oração nuclear).

Diferentemente, quando a adverbial condicional denota uma condição não preenchida, estamos diante de condicionais contrafactuais. Essas condicionais podem ser vistas nos excertos (01) e (03), já apresentados e aqui retomados:

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

- (03) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. **Se** elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, se é que estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Em (01), o uso do condicional *se* expressa um não-fato, isto é, a fala do treinador nos faz inferir que ele não está querendo apontar um atleta possível dentro de um contingente amplo. Em (03), a oração adverbial condicional indica que, para Sérgio Moro, as acusações que foram feitas não constituem verdades. Percebemos que o nível hipotético, nessas situações, colabora para o estabelecimento da argumentação do treinador, confirmando sua tese de que o atleta Ricardo treina muito, e do conselheiro da Direita Pernambuco, ao confirmar sua tese de que foi evidenciado o ultraje das acusações. Além disso, a contrafactualidade em ambos os casos é reforçada pelos usos dos verbos das orações condicionais no tempo pretérito imperfeito do modo subjuntivo e das orações nucleares no tempo futuro do pretérito do modo indicativo, que compõem estruturas sintáticas comuns a ambas as sentenças.

As orações introduzidas pelo conector *se é que*, por sua vez, evidenciaram relações hipotéticas aparentemente factuais, dependentes das intenções comunicativas sinalizadas pelos usuários, ao emitirem “certezas veladas”, como podemos visualizar, a seguir:

- (06) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. “Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado. O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)

Em (06), as palavras do ministro Marco Aurélio Mello apresentam dúvida sobre se o sistema carcerário brasileiro pretende, de fato, recuperar alguém. Essa dúvida estabelece uma condicional eventual, que permite considerarmos a possibilidade de que o sistema carcerário brasileiro não pretende recuperar alguém, conforme previsto em lei. É importante esclarecer que, embora em diversas ocorrências de orações condicionais introduzidas pelo *se é que*, tenhamos observado os verbos no tempo presente, ao analisarmos os propósitos comunicativos dos usuários, constatamos que não remetem a uma informação assegurada explicitamente, mas sugerida implicitamente, uma vez que o usuário pretende se preservar ou, ainda, manifestar ironia acerca do que foi emitido. Nesse sentido, também visualizamos, nessas ocorrências, relações hipotéticas aparentemente factuais, como pode ser atestado nos dados (07) e (08), a seguir:

- (07) [...] Contudo, a cantora não pretende entrar com ação judicial para receber indenização: “Desses seres humanos – **se é que** posso chamar assim, né? –, não quero um tostão. Quero que cada um faça serviço comunitário ou distribua cestas básicas para comunidades carentes”. (ALAGOAS 24 HORAS)
- (08) A boa notícia - **se é que** se pode chamar assim – do relatório, para os brasileiros, é de que a fome, por aqui, tem estagnado nos 2,5% da população, algo próximo a 5 milhões de pessoas. Mas a notícia ainda pior é que existem 33 milhões de pessoas que estão obesas. No mundo, este número é de 672 milhões, o que significa 1 em cada 8 adultos. (G1)

Como se pode notar, nas duas amostras, os verbos que sucedem o *se é que* aparecem no modo indicativo, como ocorre em quantidade significativa dos dados, o que poderia apontar para uma factualidade. No entanto, observando as particularidades dos usos do conector em questão, de acordo com as situações em que foi utilizado, notamos que os usuários evocam uma espécie de “certeza velada”, estratégia utilizada de modo que, na maioria das ocorrências, evita o comprometimento de uma posição assumida, fugindo à possibilidade de interpretação de que estivessem fazendo qualquer afirmação categórica.

Essa dubiedade proposital, evocando uma verdade implícita, também é inferida pela presença do auxiliar modal *poder* nas duas amostras. O auxiliar atua como modalizador, contribuindo para que o usuário expresse sua opinião de modo mais discreto, sem dar muita evidência de comprometimento. A opção dos usuários por formas verbais perifrásticas acompanhadas por auxiliares modalizadores – fato constatado em apenas 20% das amostras das orações introduzidas pelo *se* e em mais de 70% das amostras das orações encabeçadas pelo *se é que* -, desvela a complexidade cognitiva e estrutural inerente aos usos das perífrases.

Nesse sentido, não podemos deixar de assinalar que os usos das orações condicionais iniciadas pelo *se é que* estabelecem uma relação também com os subprincípios icônicos da quantidade e da proximidade, já que o volume de formas codificadoras, tanto do conector em si, mais robusto que o *se*, quanto das construções perifrásticas emitem um maior volume de informação, explicitando uma condicionalidade menos direta, com maior grau de cognitividade.

Feita essa vistoria na relação modo-temporal dos verbos presentes nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores *se* e *se é que*, na seção que segue, examinamos o comportamento dos itens, considerando os gêneros textuais-discursivos materializados nos textos jornalísticos que compõem o *corpus* em tela.

4 Os usos das orações condicionais iniciadas por *se* e *se é que* conforme gêneros textuais-discursivos

Com a pretensão de verificar os contextos preferenciais ou típicos de utilização das orações condicionais encabeçadas pelo *se* e pelo *se é que*, identificamos os gêneros textuais jornalísticos em que essas orações aparecem, ao entendermos que os gêneros concretizam práticas sociais e culturais. Aliado a isso, buscamos identificar o enunciador que faz uso dos conectores, de modo a verificarmos se o conector aparece em sua própria fala (a pessoa que escreveu o texto) ou se se trata da recuperação da fala de outrem, realizada pelo enunciador, considerando aspectos que podem influenciar a escolha do usuário por determinado conector condicional. A Tabela 3, a seguir, ilustra o quantitativo das ocorrências conforme os gêneros textuais-discursivos:

Tabela 03 - Quantificação de ocorrências das orações condicionais encabeçadas pelo *se* e pelo *se é que*, conforme os gêneros textuais/discursivos

Gêneros textuais/discursivos	Conectores que encabeçam as orações condicionais	
	SE	SE É QUE
Reportagem	91	36
Entrevista	4	2
Artigo	-	8
Comentário de leitor	6	4
Total de ocorrências	101	50

Fonte: elaboração própria

Conforme apresenta a Tabela 3, houve uma preponderância da utilização das orações condicionais encabeçadas pelo *se* e pelo *se é que* no gênero reportagem, contexto comunicativo em que se busca interpretar um fato. Esse resultado pode ser justificado, em primeiro lugar, pelo fato de ser mais comum a circulação desse gênero nos suportes virtuais jornalísticos. Notamos, no entanto, que as orações iniciadas pelo *se* ora evidenciam a fala da própria pessoa que produziu o texto, ora tratam da recuperação da fala de outrem. Diferentemente, as ocorrências das orações iniciadas pelo *se é que* trataram, em sua totalidade, da recuperação da fala de outrem. Vejamos algumas amostras:

(07) [...] Contudo, a cantora não pretende entrar com ação judicial para receber indenização: “Desses seres humanos – **se é que** posso chamar assim, né? –, não quero um tostão. Quero que cada um faça serviço comunitário ou distribua cestas básicas para comunidades carentes”. (ALAGOAS 24 HORAS)

(09) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. “E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não”, conta o ator Felipe Tavares. (G1)

- (10) Sindifisco considera inflação desde 1996, quando tabela começou a ter os valores em reais. **Se** tabela fosse corrigida pelo IPCA, faixa de isenção passaria de R\$ 1.903 para R\$ 3.881. (G1)

As amostras (07) e (09) evidenciam casos em que tanto as orações condicionais iniciadas pelo *se é que* e pelo *se*, respectivamente, resgatam a fala de algum participante do acontecimento ou do fato noticiado. Na amostra (07), o enunciador da reportagem, através da recuperação da fala da cantora Tati Quebra Barraco, aborda o acontecimento de a cantora ter sofrido ataques virtuais. Segundo a reportagem, ao manifestar desinteresse em entrar com ação judicial, a cantora afirma que não quer dinheiro algum das pessoas que a atacaram virtualmente. Na amostra (09), o enunciador da reportagem resgata a fala do ator Felipe Tavares no que diz respeito a uma possibilidade de a hepatite C ser transmitida por instrumentos não esterilizados. Diferentemente, na amostra (10), estamos diante de um caso em que a oração condicional encabeçada pelo *se* é falada pelo próprio repórter, ao noticiar uma condição para que a faixa de isenção do imposto de renda aumente, isto é, a correção da tabela pelo IPCA.

Como vemos em (07) e (09), a reportagem permite a inserção e a participação mais direta dos envolvidos nos acontecimentos noticiados, tendo em vista que, em sua maioria, diz respeito à recuperação da fala de envolvidos, admitindo que expressem suas dúvidas e incertezas a respeito de fatos, ou até mesmo, de certezas aparentes. Não se pode deixar de reafirmar que a presença do modalizador *poder*, em (07), junto ao *se é que*, contribui para assinalar uma certeza apenas aparente. Ainda, a utilização dos conectores condicionais na fala do próprio enunciador da reportagem pode demonstrar condições referentes a um fato narrado, a exemplo de (10).

Nesse contexto, nas reportagens em que percebemos o resgate da fala de quem presenciou o fato para estabelecer uma sequência argumentativa, julgamos como um possível entendimento de que as orações condicionais sinalizam maior complexidade cognitiva, por revelarem menor grau de condicionalidade do que quando vistas em reportagens que emitem a fala do produtor da reportagem, sinalizando menor complexidade cognitiva.

Comparando os resultados relativos aos usos das orações condicionais nos demais gêneros, enquadrados como do tipo opinativo, notamos uma maior diversidade de ocorrências das orações encabeçadas pelo *se é que*, até mesmo levando em conta a totalidade de ocorrências de cada conector. Retomemos a amostra (04) e vejamos a amostra (11), para descrevermos as ocorrências dos conectores *se* e *se é que*, respectivamente, no gênero entrevista:

- (04) **Em 2014 vendi uma moto no valor de no valor de R\$ 4000,00 (a moto era financiada, com o valor da venda quitei a mesma), depois vendi um carro no valor de R\$ 12,000 e comprei um carro no valor de R\$ 27,000. Devo declarar? Pago taxas? Minha renda não atinge os 26.816,55. (Guaracy Cezatte)**

Resposta: A venda de bens até o valor de R\$ 35.000,00 está isenta de imposto sobre o ganho de capital. Assim, **se** os seus rendimentos tributáveis foram inferiores a R\$ 26.816,55 e **se** não se enquadrar em outra situação de obrigatoriedade, você está dispensado da apresentação da declaração. (G1)

- (11) **A euforia do mercado com a condenação de Lula demonstra que os investidores já o consideram carta fora do baralho?**

Resposta: O Lula é percebido como um candidato que não levaria adiante as reformas. É um candidato forte e saiu do páreo, **se é que** já saiu. Aí o mercado antecipa. (ESTADO DE MINAS)

Nas duas amostras, foram identificadas ocorrências dos conectores condicionais no referido gênero, na fala de quem ocupa a posição de entrevistado. Como dito anteriormente, em

(04), notamos duas orações condicionais encabeçadas pelo *se*, sendo a primeira utilizada para retomar a afirmação feita pelo leitor/entrevistador de que sua renda não atinge o valor de R\$ 26.816,55 e a segunda para se referir a uma possibilidade, eventualidade de o leitor/entrevistador não se enquadrar em situações de obrigatoriedade de declaração do imposto de renda. De modo distinto, no dado (11), vemos que, ao responder o questionamento feito pelo *site* jornalístico, em entrevista a respeito das contas públicas no Brasil, o economista Alexandre Schwartsman manifesta a opinião em forma de dúvida sobre se o candidato Lula, por estar sendo condenado, de fato *saiu do páreo*. Nesse sentido, o uso da condicional encabeçada pelo *se é que* possibilita que a opinião do economista seja evidenciada sem que ele se comprometa, o que evita uma possível refutação.

No que concerne aos usos das orações condicionais no gênero comentário de leitor, cuja função sociocomunicativa é permitir maior interação entre o usuário/leitor do *site* jornalístico e os jornalistas (PINHO, 2003), retomemos o dado exposto em (05) e também o (12), ainda não apresentado:

(05) Excelente iniciativa!!! **Se** esses projetos forem pra frente, vai ajudar muito a população a diminuir os gastos com energia elétrica em suas casas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

(12) 92% do PIB não será recuperada tão cedo, **se é que** será... (FOLHA DE SÃO PAULO)

No dado (05), como mencionado anteriormente, o usuário utiliza uma oração condicional iniciada pelo conector *se* para retomar a eventualidade de os projetos apresentados na reportagem serem desenvolvidos e aplicados, de modo a opinar que a execução dos projetos será benéfica para a população. No dado (12), vemos uma ocorrência do conector *se é que* em comentário de leitor após reportagem veiculada sobre a perda econômica do Brasil. No comentário, o leitor expressa dúvida acerca do processo de recuperação do PIB do Brasil, manifestada a partir do uso do conector condicional, acompanhado de forma verbal no modo indicativo. Nesse sentido, o leitor, sem assumir um posicionamento categórico, indica uma dúvida, que nos parece mais próxima da certeza sobre algo que não vai acontecer, com base na situação econômica precária do país, tendo em vista o propósito comunicativo do gênero e a decisão do comentarista/leitor da reportagem em utilizar o conector condicional *se é que* para manifestar sua opinião.

No que se refere aos usos das orações condicionais no gênero artigo, não identificamos orações condicionais encabeçadas pelo *se*, ao passo em que obtivemos um resultado considerável de ocorrências de condicionais encabeçadas pelo *se é que* no gênero. Visualizemos uma amostra ilustrativa:

(13) Lembro-me de um conselho, **se é que** podemos chamar assim, dado, na década de sessenta do século passado, para a poetisa Lúcia se firmando no meio intelectual do Recife: que lesse uma antologia de poemas e poetas, desde Homero até o modernismo brasileiro. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Em (13), podemos observar que o autor José de Jesus Moraes Rêgo escreve artigo jornalístico sobre o seu convívio com a poetisa pernambucana Lúcia Chiappetta durante a universidade, e as contribuições da escritora na literatura. Ao lembrar o passado da poetisa, o autor faz uso do conector *se é que* para expressar dúvida acerca da utilização do termo *conselho*, uma vez que está se referindo a algo que, na verdade, se tratava de uma necessidade da poetisa, a fim de alcançar o conhecimento indispensável para a sua carreira na literatura. Aqui, mais uma vez, notamos o papel do modalizador *poder*, constituinte de uma perífrase verbal no modo indicativo, para a construção de uma “certeza velada”, facilmente percebida nos textos opinativos, para imprimir um posicionamento afirmativo de modo menos categórico.

A análise comparativa das orações condicionais iniciadas pelo *se* e pelo *se é que*, conforme gêneros textuais em que foram utilizados, nos possibilita observar que o propósito sociocomunicativo dos gêneros é também um importante critério motivador dos usos dos conectores. De modo geral, constatamos que os usos das orações condicionais encabeçadas pelo conector *se é que* indicaram maior complexidade cognitiva, ao serem utilizados de modo mais recorrente nos gêneros jornalísticos do tipo opinativo, estabelecendo uma sequência argumentativa a respeito do que está sendo defendido. Diferentemente, as orações encabeçadas pelo conector *se* evidenciaram de modo mais recorrente menor complexidade cognitiva, ao serem utilizadas em contextos que visam informar de modo mais objetivo sobre um fato, podendo resgatar a fala de outrem ou dizer respeito à fala do próprio enunciador, no gênero reportagem, com a finalidade de expressar uma possibilidade futura ou fazer referência a hipótese passada.

Esta e as demais constatações, nos permitem compreender, quanto aos graus de marcação, que, pelos fatores diversos elencados anteriormente, os contextos que envolvem as orações condicionais iniciadas pelo *se* são menos marcados. Em contraposição, as orações condicionais iniciadas pelo *se é que* predominantemente se amoldam a contextos mais complexos, portanto, mais marcados. Efetivamente, as características que emergem de cada contexto influenciam nas escolhas que os falantes fazem, o que se reflete na frequência de uso de uma e de outra forma de construir a condicionalidade e na emergência de um e de outro conector. E isso está inerentemente relacionado à iconicidade e sua manifestação nos usos da língua.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo identificar e descrever os diferentes usos e sentidos que emolduram as orações adverbiais condicionais encabeçadas pelos conectores *se* e *se é que* em textos jornalísticos. Guiados pelos princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação, nos detivemos à investigação desses usos a partir de três critérios. O primeiro critério, *a posição ocupada pelos conectores nas orações adverbiais*, nos possibilitou constatar que a anteposição da oração condicional é mais frequente quando encabeçada pelo conector *se*, embora tenha apresentado variações, ao passo que, quando encabeçada pelo conector *se é que*, as orações recorrentemente são encontradas na posição posposta, ou ainda, na posição intercalada. Essa maior recorrência já sugere que as orações iniciadas pelo *se é que* revelam maior grau de complexidade contextual e usos mais inovadores, menos prototípicos.

O segundo critério, *a correlação modo-temporal dos verbos que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores se e se é que*, serviu para que verificássemos o grau de hipoteticidade dessas orações. Identificamos que as relações modo-temporais nas orações adverbiais condicionais originadas pelo uso do conector *se* evidenciaram maior variação, apontando para diferentes graus de hipoteticidade, embora tenha prevalecido a eventualidade, para dizer respeito a uma hipótese possível de ser preenchida. Diferentemente, as orações adverbiais condicionais originadas pelo uso do conector *se é que* evidenciaram uma preponderância de verbos no presente do indicativo, além de quantidade significativa de modalizadores constituintes de perífrases verbais. Esses usos sinalizaram relações hipotéticas eventuais com diferentes propósitos comunicativos, para que o usuário expressasse sua opinião de modo mais discreto, sem dar evidência de comprometimento. A possibilidade de emissão de uma “certeza velada” indicou menor grau de condicionalidade.

O terceiro e último critério, *os gêneros textuais jornalísticos em que essas orações aparecem*, nos permitiu explicitar de maneira mais direta os graus de complexidade cognitiva inerentes aos usos dos conectores *se* e *se é que*. Percebemos maior complexidade cognitiva nos contextos nos quais a relação de condicionalidade estabelecida possibilita a construção de um ponto de vista do usuário a respeito de um fato, de modo que a oração condicional funciona como uma sequência argumentativa que confirma a tese do usuário a respeito do que está sendo tratado. Essa situação

ocorreu de modo mais frequente nos usos das orações encabeçadas pelo *se é que*, para evidenciar um ponto de vista do próprio enunciador do texto ou resgatar a fala de outra pessoa, estabelecendo uma sequência argumentativa a respeito do que está sendo defendido.

Em suma, constatamos, a partir da identificação e descrição dos usos, que os contextos textuais-discursivos considerados mais complexos atraem conectores mais marcados e vice-versa. Também, pudemos relacionar marcação e iconicidade, através da verificação da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva nos usos das orações condicionais iniciadas pelo *se* e pelo *se é que*.

Referências Bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BYBEE, Joan Lea. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso. (1989). **Gramática do português contemporâneo**. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do português**. 2006. Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Acesso em: 20 mar. 2020.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (Orgs.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEÃO, Ângela Vaz. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1961.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Kenedy Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa:** de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos.** São Paulo: Editora UNESP, 2018.

PINHO, José Benedito. **Jornalismo na Internet:** planejamento e produção da informação online. São Paulo: Summus, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. (1986). **Gramática normativa da Língua Portuguesa,** 55 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

Submetido em 13/08/2023

Aceito em 21/10/2023